

Ambiguidades do Traço Assistencial

Tânia Moreira

Introdução

Um dos motivos de aceitar o desafio de estar aqui hoje foi o de me permitir ser ajudada.

Desenvolvi ao longo de minha existência uma crença que hoje considero limitante: EU POSSO AJUDAR SEMPRE. Enquanto isso, negligencio minhas próprias necessidades, talvez por desconhecer-las ou desconsiderar a importância das mesmas.

Estou tentando saber quem sou já faz muito tempo e, nesta caminhada rumo ao autoconhecimento, fui me deparando com pontos fortes (trafores), fracos (trafares) e traços faltantes (trafais) de minha personalidade.

Ao revisitar momentos significativos vividos, me defronto com um grande dificultador que é a cegueira sobre meus sentimentos mais profundos: a dificuldade de expressar minhas carências, ou seja, a indisponibilidade assistencial para comigo mesma.

E me dou conta de que preciso de iniciativa, de motivação, de determinação e de coragem para os autoenfrentamentos que possibilitarão qualificar a auto e heteroassistência.

A tão falada e divulgada TEÁTICA, termo bastante usado na Conscienciologia, representa aplicação desafiadora da teoria na prática. Uma coisa é SABER, a outra é SABER E FAZER, no tempo e na hora mais apropriada, pois, muitos falam em assistência, porém há pouca atitude assistencial.

Onde começa a assistência? Até onde podemos ir? Qual é a nossa tara assistencial?

Memórias

Desde muito jovem, ainda adolescente, ficava intrigada com as diferenças entre as pessoas. Sempre perguntava por que algumas pessoas tinham tudo e outras nada.

Por modelagem, aprendi com a minha mãe a ter comportamentos de “ajudar” os outros. Morei alguns anos em frente à Santa Casa de Pelotas.

Guardo na memória cenas em que levava – para os doentes amigos ou conhecidos de minha mãe – leite, frutas, bolachas, enfim, o que estivessem precisando. Entrava sem nenhum temor em todas as enfermarias, mesmo no Pavilhão de Tisiologia, onde ficavam os tuberculosos. Nunca receei pegar doenças.

A primeira lembrança que tenho de ter ajudado alguém, com a escuta, sem julgar, acolhendo, respeitando a dor e o sofrimento do outro, foi quando tinha 13 anos, e escutei um rapaz que se sentia traído por seu melhor amigo. Eles se criaram juntos e as famílias eram muito amigas.

Este rapaz, que depois veio fazer faculdade de medicina na UFPEL (Universidade Federal de Pelotas), era homossexual e esse fato foi espalhado pelo amigo de infância que contou para outras pessoas e estavam todos rindo e debochando da situação. Isso o deixou vulnerável. Lembro-me como se fosse hoje, o primeiro pensamento que tive foi “só escuta e não conta pra ninguém”. Ele chorava muito ao fazer esta narrativa e eu pensava: “o que eu puder, eu faço para ele melhorar”.

Penso que já faz parte dos meus valores desde esta época a questão do sigilo, provavelmente trazido de outras vidas. Como resultado desta assistência, ele sentiu-se muito aliviado, suspirou profundamente, e disse: “Agora estou melhor. Obrigado por me ouvir”.

Então, desde há muito tempo, guardo em mim a sensação indescritível de bem-estar que sinto quando consigo deixar alguém melhor.

Quando fiz meu primeiro *Serenarium* em 2016, lembro-me de um momento em que um amparador me fez lembrar quanto já fazia assistência sem que eu desse o devido valor aos casos. Digo Amparador por ter sentido as energias serenas a sensação do abraço da valorização pelas coisas que já fiz e que desmereço, iniciando aí o processo de menos valia e autossabotagem.

Como se ele dissesse: “olha bem para ti, aceita teus trafores e segue em frente”.

Lembro-me de uma situação onde recebi uma devolutiva de uma colega, me questionando o quanto eu não era tão assistencial, segundo o ponto de vista dela. Naquela opinião expressa pela colega, havia uma queixa velada, um não dito explícito, como se ela quisesse dizer: “Olha pra mim, eu estou precisando de ajuda agora!”.

Naquela ocasião, ela precisava da minha atenção e eu não estava disponível. Imediatamente associei aquela queixa à questão do abandono da assistência, da omissão deficitária, fazendo-me pensar que eu escolhia os assistidos. E me posicionei em favor do menos favorecido, como sempre faço. Então, entendi que assistir o pseudoforte é bem mais difícil. Nesta situação não assisti a colega. Fiz uma contratransferência percebi nela a minha vulnerabilidade e o receio de demonstrar minhas carências foi maior, fiz uma negação das necessidades dela. Uma omissão deficitária que segundo o meu padrão de comportamento é muito ruim e sofrido.

Personalidade com Perfil Assistencial

Posso enumerar algumas características pessoais inspiradas a partir dos tipos de personalidade descritos pelo Eneagrama, uma ferramenta de autoconhecimento.

O Eneagrama é uma figura geométrica que representa graficamente os 9 tipos essenciais de personalidade presentes na natureza humana e suas complexas inter-relações.

Ele é resultante da evolução da psicologia moderna que tem suas raízes na sabedoria espiritual de diversas tradições antigas.

A palavra *ennea* (grego) significa ‘nove’ e *grammos* (grego) significa ‘figura’, ‘desenho’.

Assim a palavra representa uma figura de 9 pontas (Don Richard Riso & Russ Hudson, 2009).

Traços-força (trafores): altruísta, amante, protetor, comprazedor, facilitador, amigo especial, carismático, disposto, eficiente.

Traços-fardo ou fracos: teimoso, inconsequente, manipulador, bajulador, soberbo (a soberba consiste numa incapacidade ou falta de disposição para reconhecer o próprio sofrimento). Vanglória, orgulho das próprias virtudes.

Em geral, meu comportamento se orienta pelos sentimentos do momento (Ex.: Eu sinto que vai dar certo), sendo amorosa, solícita, generosa, atenciosa e me importo com as pessoas, podendo até “mover montanhas” quando gosto da pessoa. Fico feliz quando faço algo de bom para alguém, pois meu olhar é voltado para as necessidades dos outros. Muitas vezes, não meço esforços para me colocar à disposição e para ajudar, pois, considero que ser útil e necessário é muito importante para a satisfação pessoal.

Quando estou mais lúcida nas situações de assistência, ajo com autocontrole das emoções e equilíbrio. Contudo, quando não percebo minhas carências, posso agir igual a uma pessoa pseudoforte, que finge estar bem enquanto não está e tem dificuldade de pedir ajuda. Torna-se complexo atuar conectada com o amparo de função e enfrentar esse comportamento por ser um tipo de autoespelhamento.

“É desafiador aprender assistir os diferentes perfis conscienciais. Torna-se relevante ampliar as habilidades pessoais para aprender novos e diferentes modos de assistir” (Verbete Estilística Assistencial, de Ana Seno).

Um fator importante para qualificar a assistência é saber fazer a **escuta**. Considerando a multidimensionalidade, é importante que seja feita a *escuta multidimensional interassistencial* (Elena Bandeira, 2014), ou seja, prestar atenção nas informações que estão vindo tanto das conscins quanto das consciexes de maneira imparcial e sadia, sempre com o foco na interassistência.

Em cada abordagem interacional a conscin assistente poderá atender ao ciclo interassistencial completo do polinômio acolhimento-esclarecimento-encaminhamento-acompanhamento. Conforme as habilidades e competências do assistente pelo menos as 3 primeiras etapas da assistência poderão ser realizadas (Marcia Maduré, 2016).

Sair de si é o primeiro movimento contra narcísico, quando se está na condição hígida, o que não significa fugir de si. Colocar-se no lugar do outro é o segundo movimento. É fazer a escuta a partir do olhar e o sentir do outro. Neste momento, é importante fazer assimilação energética junto com a técnica da diferenciação pensênica.

Ter conhecimento da abordagem consciencial faz a diferença na postura do assistente em relação ao assistido. Quanto mais aprofundamos nosso autoconhecimento melhor qualificamos nossa assistência para o outro.

Duplismo (ou Interassistência em dupla)

É importante citar aqui o aporte que tenho recebido nesta vida do Paulo, meu marido.

Em 1969, nos conhecemos e nos casamos em 1975. Temos um casal de filhos e um casal de netos.

Nestes 45 anos de convivência, muitos foram os aprendizados e assistências recebidos.

Em 1986, quando tive um problema de saúde que culminou com a perda total da visão do olho direito recebi todo cuidado necessário, foram muitas consultas, viagens e duas cirurgias, uma em Porto Alegre e outra em São Paulo. Nestes momentos, evidenciaram-se traços como generosidade, disponibilidade e habilidade em cuidar de mim.

Aprendi a aceitar minhas limitações e entender que naquele momento era eu quem precisava de ajuda. Não foi fácil admitir que aquela que sempre cuidava dos outros agora estava frágil vulnerável e dependente. Estar doente era muito difícil de aceitar, pois eu sempre fui muito saudável, nunca tinha estado internada num hospital a não ser para ter meus filhos em 1975 e 1979. Então foi preciso reciclar e admitir que eu também posso deixar que me cuidem. Expresso aqui minha gratidão por tudo o que recebi e pela sustentabilidade dos vínculos que nos unem.

Trabalhamos juntos há 34 anos. Sou grata por todos os momentos que passamos juntos, por todas as superações e aprendizados. Com certeza sem a sua constante presença eu não estaria aqui agora nem seria o que sou.

Sinto-me honrada em fazer parte desta Empresa, fundada pelo meu sogro em 1953. Expresso aqui minha admiração, respeito e gratidão por ter convivido com uma consciência generosa e assistencial como ele.

Era desapegado e desprendido das coisas materiais, inteligente, tinha o hábito da leitura diária, difícil era contar-lhe alguma novidade, comprava livros e distribuía para as pessoas.

Conclusões provisórias

Muito se fala em autoconhecimento, embora nos dias de hoje exista uma profusão de ferramentas, técnicas, abordagens terapêuticas, enfim, infinitas possibilidades de aprofundarmos os conhecimentos sobre cada um de nós. Considero entre outros um atributo essencial para que possamos atingir este objetivo, que é a VONTADE INQUEBRANTÁVEL (Waldo Vieira, 700 Experimentos, p.564).

Motivação suficiente, emprego das energias, investimento em si mesmo para superar crises de autoenfrentamento, renovando traços e alavancando traços.

E entre uma assistência e outra aprendemos com nossos acertos e erros. Quando aceitei participar deste Debatologia, minha motivação principal foi trabalhar questões como Orgulho (conceito muito elevado que alguém faz de si mesmo, empáfia, soberba) (dicionário Houaiss).

Afirmação de si, eu sei, eu sou, eu faço, negação quanto às dificuldades e às deficiências (eneagrama).

Procrastinação é o “adiamento da tomada de decisão ou da consecução de algo, sabidamente necessário e prioritário não raro causando algum desconforto consciencial em relação ao suposto motivo do retardamento” (Dulce Daou, 2014).

E, assim, de superação em superação de imaturidades conscienciais, sempre aprendendo a qualificar a assistência ao outro e admitir que o cuidador precisa de cuidados, estou aqui para aprender com esta nova experiência. Fazendo exposição para outras pessoas sobre temas íntimos evidenciar traumas como autossabotagem, pusilanimidade, covardia omissões deficitárias, nível de autoconfiança. Enfim, por todas as superações necessárias para melhorar a auto e heteroassistência.